

LIVRO DAS MIL E UMA NOITES

Lívia de Oliveira¹

LIVRO das mil e uma noites. Edição revista e atualizada. Trad. Mamede Mustafa Jarouche. São Paulo: Biblioteca Azul, volume 1, ramo sírio, 2017, 462 p.
ISBN: 9788525065049

LIVRO das mil e uma noites. Edição revista e atualizada. Trad. Mamede Mustafa Jarouche. São Paulo: Biblioteca Azul, volume 2, ramo sírio, 2017, 400 p.
ISBN: 9788525065056

Ter em mãos os dois primeiros volumes do “Livro das mil e uma noites”, com tradução primorosa, cuidadosa e diretamente do árabe, por Mamede Mustafa Jarouche, professor da USP, é uma preciosidade e porque não dizer, felicidade e um presente dos céus. Esperamos ansiosas, curiosas e desejosas de ler os demais volumes, que completarão o conjunto das publicações.

A história e a geografia do “Livro das Mil e Uma Noites” é uma “fábula fabulosamente” escrita por “centenas de mãos e em dezenas de idiomas” (p. 11, vol.1), desenrolando-se em vários tempos e diferentes espaços. Por ser uma realização de tantos, torna-se efetivamente de ninguém. É uma narrativa árabe que vem se perpetuando através dos séculos, prendendo a atenção de muitos e deliciando, pelo mundo afora.

O tradutor nos fornece informações curiosas, provenientes de manuscritos, versões e de impressões para nos surpreender com o ritmo, com a leveza exuberante de detalhes e da imaginação imaginosa. Tudo indica que a origem das fábulas contadas na antiga Pérsia “se ampliaram e se difundiram na época dos reis sassânidas” (p. 17, vol.1). A partir daí, as histórias foram se desdobrando-se, geograficamente, adquirindo cores variadas, transcritas para a língua árabe e divulgadas para o mundo todo.

1 Professora Emérita da Universidade Estadual “Júlio Mesquita Filho”, Rio Claro. liviaoliveira@yahoo.com.br.

✉ Rua 1, n.705, apto.43, Rio Claro, SP. 13500-402.



As personagens que integram as estórias são de carne e osso: sofrem mil agruras, sonham mil fantasias, amam mil mulheres, se transformam pelo poder de gênios “ifrit”, em animais ou pedras, se enriquecem e se empobrecem em pouco tempo, vivem em palácios ou em casebres, padecem nas mãos dos poderosos, das mulheres, dos ladrões, dos parentes, enfim vivem e morrem em seus destinos reservados pelo Altíssimo.

Os périplos pulam de uma cidade para outra. Suas descrições nos fornecem detalhes pitorescos, com mercados e bazares, jardins floridos e chafarizes de águas cristalinas, com palácios deslumbrantes revestidos de ouro e prata. As descrições dos banquetes nos permitem degustar carnes exóticas, doces com doçuras ímpares, com frutas suculentas, contendo néctares suaves. Todas as peripécias se desenrolam entre as principais cidades do Oriente Médio. Misterioso, enigmático e múltiplo. Damasco, Bagdá, Cairo, Basra, Isfahan, Bilbeis, entre vilas e vilarejos são paisagens urbanas de casarios vivos, dinâmicos e de encantos mil.

Os personagens principais são o rei Shahriar e as irmãs Sherazade e Dinarzade, formando um triângulo que envolve medo, amor, angústia e esperança, mesclado com insônia, curiosidade e histórias sem fim. Sempre o pôr do sol e uma nova aurora são esperadas ansiosamente. São narrativas “em nome de Deus, o misericordioso, o misericordioso, em que está a minha fé... E é Deus Altíssimos que conduz ao acerto” (p. 41, vol.1). Assim, quem orienta a contadora das mil e uma noites é um Deus que tudo vê e tudo pode.

O “Livro das Mil e Uma Noites” é um compêndio de história árabe, de pais e filhos, de sultões e vizires, de sedução e traição, de tempos preteridos, num linguajar complexo e arcaico, seguindo o “princípio da fidelidade ao original” (p. 14, vol.2). As durações das noites variam as

extensões. Umas curtas, outras longas. Contudo, todas entrelaçadas formando um colar de contas de vidro multicolorido.

O “Livro das Mil e Uma Noites” é uma obra geográfica, com descrições de espaços e lugares, de ricos e pobres, de árabes, judeus e cristãos, de mercados e bazares, de oásis e desertos, de reis e califas, de rios e mares, de tempestades e bonanças.

Enfim, é uma história e uma geografia que fortunadamente se encaixam no domínio da Geografia Humanista e Cultural, e se refletem neste poema:

O tempo é composto de dois dias, um seguro, outro
[ameaçador,
e a vida é composta de duas partes, uma pura, outra turva.
Pergunte a quem urdiu as idas e vinda do tempo:
será que o tempo só maltrata a quem tem importância?
Acaso não se vê que a ventania, ao formar as tempestades,
não atinge senão as árvores de altas copas?
De tantas plantas verdes e secas existentes sobre a terra,
somente se apedream aquelas que têm frutas;
nos céus existem incontáveis estrelas,
mas em eclipse só entram o sol e a lua.
Pois é, você pensa bem dos dias quando tudo vai bem,
e não teme as reviravoltas que o destino reserva;
nas noites você passa bem, e com elas se ilude,
mas no sossego da noite é que sucede a torpeza.
(p. 61, vol.1)

